

NOVAS E DIFERENTES PERCEPÇÕES DO COTIDIANO ESCOLAR: DE PIBIDIANA À PROFESSORA SUPERVISORA DO PIBID SOCIOLOGIA/FILOSOFIA

Gabriela Gonçalves Junqueira¹

O presente trabalho pretende trazer a percepção de uma nova experiência no Pibid: de pibidiana no ano de 2010 para, agora, professora supervisora do programa Pibid Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A partir dessa experiência tem-se o intuito de abordar a importância da antropologia e do trabalho etnográfico no ambiente escolar por meio da abordagem de Tim Ingold e sua educação da atenção. A discussão permite trazer ainda a inserção do Pibid Sociologia/Filosofia na realidade escolar de uma escola estadual de Minas Gerais (MG) com o intuito de demonstrar como as relações e estudos desenvolvidos sob a ótica do olhar cuidadoso e atento têm sido importante subsídio na consolidação da presença dos pibidianos na escola e das ações e projetos propostos pela equipe.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) foi criado em 2007 e coordenado pela Diretoria de Educação Básica Presencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atua no estímulo à docência entre estudantes de graduação e na valorização da docência. Por meio de concessão de bolsas, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior, por meio das licenciaturas, e as instituições de Educação Básica.

O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros docentes e as salas de aula da rede pública. Nesse sentido, é foco do programa promover a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes da primeira metade dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior.

Meu primeiro contato com Pibid foi em 2010, quando houve a primeira edição do programa (Pibid Sociologia) no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ensinar sempre foi uma paixão, desde as brincadeiras de escola com

¹ Professora de Sociologia da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, (SEE/MG), Professora de Ensino Religioso da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), doutora em Antropologia Social (UFG) e professora supervisora do Pibid Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: gabbi_gj@hotmail.com.

quadros de giz na infância. Por isso, o sonho em ser professora me guiou na escolha do curso superior desde o ensino médio.

A licenciatura, portanto, sempre foi a primeira opção, e o curso de Ciências Sociais surgiu como possibilidade pela aproximação e interesse com as aulas de Sociologia no ensino médio. Entrei no curso de Ciências Sociais em 2009, e no próximo ano, ano que estaria no terceiro período do curso, fui selecionada nesse primeiro edital para o Pibid Sociologia.

Me lembro até hoje da sensação daquela primeira reunião com a nossa coordenadora, colegas e a supervisora que nos recepcionaria na escola. A ansiedade e a euforia de voltar à escola ocupando um outro lugar que não o de aluna, me empolgava e me desafiava simultaneamente. Estar nesse lugar gerava um misto de pertencimento, pois não havia um intervalo grande entre a minha saída da escola como aluna e a volta como pibidiana, mas havia também um lugar de dúvidas. Dúvidas, porque, aquela experiência poderia me mostrar que estaria no caminho certo, de futuramente ser professora de sociologia, ou colocar em ruínas esses planos, me mostrando que aquele não era o meu caminho. Felizmente fique na primeira opção.

O ambiente escolar é o que me move e move a minha docência. Ser recebida com tanto acolhimento naquela escola e ter colegas que compartilhavam o mesmo sonho comigo, fizeram a diferença. Além da nossa supervisora, que sempre nos abriu as portas, nos dando autonomia e permitindo que, mesmo que devagar, pudéssemos adentrar e tomar posse de suas aulas via trabalhos coletivos.

Me lembro das primeiras oficinas, dos momentos de observação e de viver o cotidiano da escola com outros professores, a equipe gestora da escola e principalmente com os alunos e alunas. Foram eles que sempre motivaram nossas ações e escolhas metodológicas em nossas intervenções. Eles sempre foram o foco das observações e ações.

Nesse sentido, acredito que a antropologia já orientava meu olhar. Dentro das três grandes áreas das Ciências Sociais, Sociologia, Ciência Política e Antropologia, essa última foi a ciência que me despertou para a pesquisa. Foi a pesquisa, por sinal, que me retirou do programa, já que concorri na época a um edital de Iniciação Científica, que também sempre foi outro sonho na academia, e hoje, vejo cada vez mais, que ser pesquisadora e professora são

práticas indissociáveis, e como ter tido essas duas experiências na graduação foi enriquecedor para minha vivência e para a professora que me tornei.

Quando falo da relação da antropologia com a sala de aula, não falo somente das discussões teóricas que devem ser abordadas em sala que pertencem às teorias antropológicas. Falo das relações que o ambiente escolar possibilita e também dos “métodos” possíveis que a antropologia possibilita.

A observação participante e etnografia sempre foram o que evidenciaram e diferenciaram a antropologia das outras ciências. O método etnográfico, desde Malinowski (1978), hoje claro com ressalvas, sempre possibilitou um contato diferente com o outro. “Viver efetivamente entre os nativos” (MALINOWSKI, 1978) era um dos itens principais dos princípios do método etnográfico desenvolvido pelo autor em sua célebre obra “Argonautas do Pacífico Ocidental”. E por mais problemas que as indicações do autor traz, hoje, não podemos negar, que suas colocações e obras inauguraram outra forma de se fazer pesquisa e se relacionar com o outro.

Tim Ingold (2011; 2016), em trabalhos mais recentes, problematiza a forma como a etnografia e a observação participante são vistas e apropriadas, principalmente em trabalhos de outras áreas do conhecimento, que utilizam ambas como um substituto da moda para um método “qualitativo”, o que para o autor, ofende todos os princípios da investigação antropológica. Para o autor, a antropologia não é um estudo de, mas um estudo com. Antropólogos trabalham com humanos e não-humanos, e é imerso com eles em um meio de atividade conjunta que eles aprendem a ver coisas, ouvi-las ou tocá-las.

Uma educação em antropologia educa a nossa percepção do mundo e abre nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser (INGOLD, 2011) e acredito que isso é fundamental na prática docente.

Estar na escola e estar com os discentes sob essa perspectiva é parte da professora antropóloga que sou. Após finalizar a graduação em 2014 ingressei no Mestrado em Ciências Sociais também na Universidade Federal de Uberlândia em 2015. Já em 2018 fui me aventurar em solos goianos devido a oportunidade de fazer o Doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (UFG). Foram quatro anos de muita novidade e aprendizados até a defesa da tese em 2021.

A experiência de habitar presente na observação do antropólogo é algo extremamente relevante e importante dentro de uma sala de aula e na relação aluno/professor. A antropologia, como um modo curioso de habitar o mundo, de estar com, é propriamente uma prática de observação ancorada no diálogo participativo (INGOLD, 2011) e é essa perspectiva que norteia meu trabalho como professora supervisora do Pibid Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

Chegar no Pibid novamente, ocupando um outro lugar agora, diferente da pibidiana de 2010, me causou a mesma euforia e ansiedade de treze anos atrás. Um mestrado, doutorado e um concurso depois, me interessei em participar novamente do programa, como professora supervisora, motivada por receber estudantes dos cursos de Ciências Sociais e Filosofia, e possibilitar aos meus alunos da rede estadual de educação novas e diferentes possibilidades nas formas de ensino aprendizagem.

O novo e o diferente sempre possibilita algo ímpar. E estar nesse programa novamente tem sido uma surpresa em vários sentidos. Nosso projeto teve início em novembro de 2022, foi ali que recebi, inicialmente, os oito bolsistas que estariam comigo nessa empreitada. Todos múltiplos em diversos sentidos, mas uniformes em uma coisa: na forma de estar com aquelas pessoas na escola, de estudar com elas, e não serem meros observadores daquela realidade.

Esse sempre foi um norte importante do meu trabalho, algo que a antropologia me trouxe, e que queria muito compartilhar nessa experiência nova no Pibid. A antropologia constrói conhecimento por meio da relação com os outros. Conhecimento esse que não é construído a partir de fatos que simplesmente estão lá, esperando para serem descobertos e organizados de acordo com os conceitos e categorias que se tem. O conhecimento é coproduzido. (INGOLD, 2016).

Nesse sentido, acredito que esse posicionamento e prática dialógica, de produção conjunta, tem sido fundamental e têm propiciado um outro olhar no ambiente escolar, efetivando tanto as ações propostas por mim e a equipe, quanto efetivando de maneira singular, a presença dos pibidianos no contexto da escola.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a agência de fomento do Pibid Sociologia/Filosofia que possibilita minha dedicação ao programa. Gostaria de agradecer também a professora Maria Lucia Vannuchi e o professor

Fábio Coelho pela recepção e coordenação de nosso subprojeto; a Universidade Federal de Uberlândia, pelo empenho e luta pela permanência no programa; ao David Gonçalves, diretor da escola estadual que recebe o programa e que sempre se manteve aberto aos nossos sonhos e projetos e recebeu nossa equipe com muito acolhimento e respeito. E por fim, gostaria de agradecer a cada integrante da minha equipe: Maria Fernanda, Matheus, Tosh, Raíssa, Bruno, Tainá, Douglas, Agatha, Rian Gabriel e Ryan Pablo, com quem compartilho o cotidiano, os desafios e as realizações de nossas ações.

Palavras-chave: Pibid, Antropologia, Etnografia, Educação da atenção.

REFERÊNCIAS

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Pibid** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>> Acesso em: 30 ago. 2023.

INGOLD, Tim. Epilogue: “Anthropology is not Ethnography.” In: **Being Alive**. Routledge: London and New York, 2011.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, 39(3), 404–411, 2016.

MALINOWSKI Introdução. Tema, método e objetivo desta pesquisa. P. 35-53. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril Cultural, Pensadores, Abril Cultural, 1978.

MEC, Ministério da Educação. Pibid. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/pibid#:~:text=Criado%20em%202007%20e%20coordenado,e%20na%20valoriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20magist%C3%A9rio.>> Acesso em: 30 ago. 2023.